

UNIÃO COM CRISTO NO EVANGELHO DE LUCAS

*João Paulo Thomaz de Aquino**

RESUMO

Este artigo defende que alguns aspectos da doutrina da união mística de Cristo com os cristãos são encontrados no Evangelho de Lucas. Existe uma identificação entre Jesus e seus seguidores como filhos do Altíssimo e Jesus aplica a eles diversos aspectos do seu relacionamento com o Pai. Os leitores do evangelho são desafiados a imitar as atitudes de Jesus na mesma força que capacitava o próprio Jesus, ou seja, o Espírito Santo. Além disso, na ceia e na manjedoura, Jesus Cristo é apresentado como o pão do qual os discípulos precisam se alimentar para terem verdadeira vida espiritual.

PALAVRAS-CHAVE

Evangelhos sinóticos; União mística; Teose; Cruciformidade; Identificação; Participação; Metáforas; Pão.

INTRODUÇÃO

Esta edição de *Fides Reformata* é comemorativa dos 150 anos do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Não irei abordar aqui um assunto vinculado à história do Mackenzie, mas não quis ficar de fora dessa justa homenagem a uma instituição que tanto tem contribuído para a história do nosso país. Além disso, considerando que a pedra fundamental do antigo Mackenzie College dedica a instituição desde 1894 “às *sciencias divinas e humanas*”, então não é sem

* Doutor em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (2020), doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary/CPAJ (2015), mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009) e mestre em Antigo Testamento pelo CPAJ (2007); professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC, e pastor da Igreja Presbiteriana JMC, em Jandira (SP); editor dos websites issoegregio.com.br e yvaga.com.br.

sentido contribuir para esta edição com um artigo teológico, especialmente abordando uma das doutrinas mais importantes da enciclopédia cristã.¹

A união mística tem sido definida como “uma união íntima, vital e espiritual entre Cristo e o Seu povo, em virtude da qual Ele é a fonte de sua vida e poder, da sua bendita ventura e salvação”.² Nas palavras de Hermann Bavinck, “Cristo vive e mora nos crentes, e os crentes vivem, movem-se e existem em Cristo: Cristo é a vida deles”.³ Embora essa doutrina seja tão fundamental em importância e tão essencial à vida cristã, ela não tem despertado o devido interesse no Brasil. Nos últimos anos, a união com Cristo tem recebido bastante atenção no exterior, principalmente em obras de teologia acadêmica, mais aos poucos o assunto também tem se tornado mais acessível aos cristãos em geral.

Uma área, no entanto, na qual ainda não se acha muito material escrito é quanto ao desenvolvimento da união com Cristo nos evangelhos sinóticos. Peterson, por exemplo, afirma que, em comparação com o evangelho de João e as epístolas paulinas, os sinóticos não falam muito sobre a união com Cristo e sugere que as razões para isso são, primeiro, que os evangelhos focam mais em apresentar a história de Jesus do que em explicar as implicações dela. Em segundo lugar, ele afirma que os evangelhos têm seu foco em uma fase da história da redenção que é anterior à morte e ressurreição de Jesus, elementos essenciais para a união com Cristo. Em terceiro lugar, Peterson diz que os sinóticos objetivam apresentar o reino de Jesus e o cumprimento das profecias do Antigo Testamento.⁴ Assim, para Peterson, em vez de apresentar uma doutrina robusta da união com Cristo, os sinóticos “estabelecem o fundamento teológico para a união com Cristo”.⁵ Dessa forma, Peterson apresenta primeiro o que os evangelhos sinóticos falam em termos de Jesus como o Emanuel, o noivo e o mediador da aliança e, depois, sobre o discipulado como um modelo de participação na história de Jesus. Depois de um breve tratamento desses aspectos, esse autor conclui: “Essa breve análise revela que a união com Cristo como

¹ “Nada é mais básico e mais central para a vida cristã do que a união com Cristo”. WILBOURNE, Rankin. *Union with Christ: The Way to Know and Enjoy God*. Colorado Springs: David C. Cook, 2016, p. 16.

² BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1998, p. 451.

³ BAVINCK, Hermann. *Teologia sistemática*. Santa Bárbara D’Oeste, SP: SOCEP, 2001, p. 436. Wayne Grudem, por sua vez, define a união mística da seguinte forma: “União com Cristo é uma expressão usada para resumir diversas relações distintas entre os crentes e Cristo, por meio das quais os cristãos recebem todos os benefícios da salvação. Entre essas relações se incluem: estamos em Cristo, Cristo está em nós, somos semelhantes a Cristo e estamos com Cristo”. GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 704.

⁴ PETERSON, Robert A. *Salvation Applied by the Spirit: Union with Christ*. Wheaton: Crossway, 2015, p. 33s.

⁵ *Ibid.*, p. 34.

uma doutrina não está presente nos sinóticos. Em vez disso, encontramos uma figura da união apresentada em um sentido histórico-redentivo”.⁶

I. Howard Marshall concorda que o tema do relacionamento espiritual entre os cristãos e o Jesus ressurreto não é levantado nos evangelhos sinóticos, “exceto brevemente em Mateus” e é “subentendido” em Lucas quando o Jesus ressurreto come pão com os discípulos.⁷ J. Todd Billings, sem explicações adicionais, comenta que a união com Cristo é clara, embora não completamente visível, na vocação ao discipulado e na insistência de que os discípulos de Jesus produzam frutos, insistência tão presente nos sinóticos.⁸ Horton, por outro lado, afirma que a doutrina da união com Cristo está presente na forma narrativa dos evangelhos:

No entanto, os elementos cruciais da compreensão paulina da união estão também evidentes nos evangelhos, embora, evidentemente, de uma forma mais narrativa, à medida que Jesus – por meio de suas palavras e feitos – refaz os limites de Israel em torno de si mesmo. Ele toma o assento de Moisés ao pregar o sermão do Monte e quando é transfigurado na montanha, com a face refletindo uma glória maior do que aquela de Moisés ao descer do Sinai. Ele é novamente o centro das atenções à medida que Moisés e Elias testemunham sobre ele (Mt 17.1-8 e textos paralelos).⁹

Do outro lado do espectro, Fulton J. Sheen exagera o caso afirmando que a palavra “reino” conforme usada nos evangelhos sinóticos frequentemente descreve a união com Cristo e a humanidade restaurada, mas ele faz isso sem maiores explicações também.¹⁰

A conclusão à qual podemos chegar depois dessa breve revisão de literatura é que os evangelhos sinóticos não têm uma grande contribuição a fazer quando o assunto é a união com Cristo, mas apenas uma contribuição indireta, a não ser que se faça uma exegese forçada para encontrar tal doutrina. Uma

⁶ Ibid., p. 39.

⁷ MARSHALL, I. Howard. *New Testament Theology: Many Witnesses, One Gospel*. Downers Grove: InterVarsity, 2004, p. 588.

⁸ BILLINGS, J. Todd. *Union with Christ: Reframing Theology and Ministry for the Church*. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 35. Sobre isso ver também Houston: “A espiritualidade cristã é cristocêntrica. O apóstolo Paulo frequentemente descreve a vida dos crentes como sendo ‘em Cristo’ a fim de enfatizar a união que os cristãos desfrutam com Jesus Cristo. Essa é uma união dinâmica que os escritores sinóticos descrevem como seguir a Jesus, os escritos joaninos como união em amor e Hebreus e 1 Pedro como uma peregrinação. Essas e outras metáforas implicam o crescimento e o dinamismo da vida de Cristo no crente”. HOUSTON, J. M. “Spirituality”. ELWELL, Walter A. (Ed.). *Evangelical Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001, p. 1143 (p. 1139).

⁹ HORTON, Michael S. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Grand Rapids: Zondervan, 2011, p. 590.

¹⁰ SHEEN, Fulton J. *The Mystical Body of Christ*. Nova York: Sheed & Ward, 1935, p. 53 (n. 2).

constante dos tratamentos anteriores que vimos, no entanto, é que nenhum deles teve como principal objetivo fazer tal pesquisa, mas trataram o assunto de maneira superficial, sem analisar com mais detença os textos completos dos sinóticos.

Este artigo visa investigar a presença da união mística em apenas um dos evangelhos sinóticos, Lucas. A conclusão a que chegamos é que é possível encontrar tanto aspectos fundacionais essenciais para o desenvolvimento posterior da doutrina no cânon, como também se veem em Lucas aspectos já com algum desenvolvimento. Veremos (1) uma versão lucana de teose; (2) a identificação entre os cristãos e Jesus no que concerne ao ministério do Espírito; (3) a identificação entre os cristãos e Jesus no ministério e disposição de sofrer; (4) duas metáforas da união com Cristo e (5) Jesus como o pão que alimenta verdadeiramente.

1. JESUS, O PAI E OS CRISTÃOS: UMA VERSÃO LUCANA DE TEOSE

O conceito de teose está relacionado a tornar algo divino, deificar. Na teologia ortodoxa é um dos conceitos mais fundamentais que existem. O conceito tem sido desenvolvido também por evangélicos, não no sentido literal de deificação, mas no sentido de união, participação e semelhança com ele por meio do seu poder em cada cristão.¹¹ Esse conceito aparece em Lucas, mas primeiro temos que ver um de seus aspectos fundamentais.

O primeiro aspecto fundacional da união com Cristo que se encontra no Evangelho de Lucas diz respeito à união entre Cristo e os demais membros da Trindade. O anúncio de Gabriel a Maria é fundamental para tudo o que acontece posteriormente no terceiro evangelho. O anjo anuncia (Lc 1.32-35) que Jesus seria: (1) μέγας (grande); (2) chamado υἱὸς ὑψίστου (Filho do Altíssimo); (3)

¹¹ “A tese básica deste livro tem sido que a soteriologia de Paulo é mais bem descrita como teose, ou transformação na imagem do Deus kenótico, cruciforme, revelado na fiel e amorosa cruz de Cristo, e que a teose possibilitada pelo Espírito é a substância tanto da justificação quanto da santificação. A justificação é participativa e transformativa, realizada pela co-crucificação com Cristo e incorporada como santificação. A teose é tornada em um fato pela habitação mútua daqueles que são justificados com o Deus triúno que os justifica. Relacionando a tese deste livro à noção mais conhecida e aceita de cruciformidade em Paulo, dissemos que a cruciformidade é, de fato, teoformidade ou teose”. GORMAN, Michael J. *Inhabiting the Cruciform God: Kenosis, Justification, and Theosis in Paul's Narrative Soteriology*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 161. “Sobretudo, teose é a restauração e reintegração da ‘imagem’ ou, como alguns preferem, ‘semelhança’ de Deus, seriamente distorcida pela queda, nos filhos de Deus. Nessa vida os cristãos crescem mais e mais na própria imagem e caráter de Deus conforme Deus foi revelado no homem Jesus Cristo. No entanto, isso é mais do que o comuníssimo conceito protestante de santificação. Na teose, enquanto não existe uma mudança ontológica da humanidade na divindade, existe uma comunicação muito real da vida divina para o todo do ser humano – corpo e alma”. RAKESTRAW, Robert V. “Becoming Like God: An Evangelical Doctrine of Theosis”. *Journal of the Evangelical Theological Society* 40 (1997): 255-269, p. 261.

o herdeiro do θρόνον Δαυὶδ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ (trono de Davi, seu pai); (4) βασιλεύσει ἐπὶ τὸν οἶκον Ἰακώβ εἰς τοὺς αἰῶνας (rei sobre a casa de Jacó para sempre); e (5) υἱὸς θεοῦ (Filho de Deus) por meio da geração providenciada pelo Espírito Santo. O ponto enfatizado é que Jesus seria o próprio Filho de Deus, o qual é chamado no texto de o Altíssimo.

Essa filiação especial de Jesus aparece novamente no texto quando Jesus é ainda uma criança e responde aos seus pais preocupados: “Por que me procuravam? Não sabiam que eu tinha de estar na casa de meu Pai? (πατρός μου δεῖ εἶναί με?)” (2.49). No batismo de Jesus, mais uma vez Deus confirma a filiação especial de Jesus falando diretamente do céu (3.22) e a genealogia de Jesus o apresenta como o segundo Adão e Filho de Deus (3.23-38). Até mesmo Satanás se refere à filiação de Jesus nas tentações (4.3, 9) e os demônios reconhecem Jesus como o Filho de Deus (4.41; 8.28). A partir do capítulo 5 em diante, o título Filho do Homem ganha proeminência, mas a filiação divina de Jesus já estava bem estabelecida.¹² As muitas referências de Jesus a Deus como seu Pai, tanto em sermões quanto em orações, também apontam para essa ênfase lucana na filiação divina de Jesus (9.26; 10.21-22; 11.13; 22.29, 42; 23.34, 46; 24.49).

Considerando corretamente as referências a Jesus como o Filho do Altíssimo e o Filho de Deus como o contexto para a exortação de Jesus em Lucas 6.35, Kuecker defende que esse texto é uma evidência da versão lucana de teose.¹³ O texto diz: “Vocês, porém, amem os seus inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar nada em troca; vocês terão uma grande recompensa e serão filhos do Altíssimo. Pois ele é bondoso até para com os ingratos e maus”. Depois de defender essa interpretação, Kuecker deixa o Evangelho de Lucas e vai para Atos 9 a fim de fundamentar a sua tese. No entanto, eu acredito que podemos permanecer no Evangelho de Lucas e ainda encontrar desenvolvimento adicional desse tema. O elemento ausente em Lucas 6.35-36 é a imitação do caráter de Deus, mas o Evangelho de Lucas tem mais a dizer a esse respeito. É somente depois de Lucas 6.35 que Jesus começa a usar a palavra “Pai” também em relação aos seus seguidores (6.36; 10.22; 11.2, 13; 12.30, 32; 15.11-32; 22.29). Algumas dessas referências são muito importantes para o conceito de adoção e união com Cristo.

¹² KUECKER, Aaron J. “‘You Will Be Children of the Most High’: An Inquiry into Luke’s Narrative Account of Theosis”. *Journal of Theological Interpretation* 8.9 (2014): 213-228, p. 216s.

¹³ KUECKER: “Jesus é o filho do Altíssimo em virtude da obra vivificadora do Espírito. Jesus partilha de uma verdadeira vida humana (ele experimenta a morte) e recebe adoração humana junto com o Pai. Os seguidores de Jesus podem partilhar da identidade de Jesus como filho do Altíssimo à medida em que seguem Jesus em seu amor pelos inimigos e generosidade radical, pois adotar tal padrão de vida é ser conformato à vida do Altíssimo” (p. 219). No outro lado do espectro, Mikeal Parsons não vê mais do que uma injunção de imitação na expressão “filhos do Altíssimo”. Ver: PARSONS, Mikeal C. *Luke*. Grand Rapids: Baker, 2015, p. 110s.

Lucas 9.46-48, por exemplo, não usa a palavra “Pai”, mas é possível encontrar nesse texto um jogo de palavras e ideias que relembra o evangelho de João. Os discípulos estavam discutindo quem dentre eles era o maior. Jesus, então, colocou uma criança ao seu lado e lhes disse: “Quem receber esta criança em meu nome é a mim que recebe; e quem receber a mim recebe aquele que me enviou; porque aquele que for o menor de todos entre vocês, esse é que é grande”. Note que é estabelecida uma relação entre receber aquela criança em nome de Jesus, receber o próprio Jesus e receber aquele que enviou Jesus.¹⁴

A identificação entre os seguidores de Jesus e ele próprio se torna ainda mais explícita em Lucas 10.16 (cf. Mt 10.40; Jo 13.20). Novamente, a união de Jesus com o Pai se torna o modelo para a identificação de Jesus com seus discípulos: “Quem ouve vocês ouve a mim; e quem rejeita vocês é a mim que rejeita; quem, porém, me rejeita está rejeitando aquele que me enviou.” No contexto, os seguidores de Jesus também fariam proclamação, curas, exorcismos e condenação escatológica, ou seja, parte do poder sobrenatural de Jesus estaria sobre aqueles setenta e dois discípulos. Receber os discípulos, nesse contexto, era crer em sua mensagem sobre o reino de Deus tendo Jesus no centro do mesmo. Portanto, é possível falar aqui sobre uma identificação tanto entre Jesus e seus discípulos, quanto entre os discípulos e o Pai por meio de Jesus.

Em Lucas 10.21, Jesus se alegra no Espírito e agradece ao Pai por ter revelado a sua vontade aos pequeninos. No versículo seguinte, Jesus explica que o Pai entregou (παραδίδομι) tudo a ele e que ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e que ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e “aquele a quem o Filho o quiser revelar” (ὃς ἐὰν βούληται ὁ υἱὸς ἀποκαλύψαι – 10.22). O Filho assume aqui o papel fundamental de ser aquele cuja vontade decide quem vai conhecer o Pai.¹⁵ O mesmo jogo de palavras “joanino” está presente novamente em Lucas 22.29, onde Jesus promete dar o reino aos seus discípulos da mesma forma que o Pai lhe deu o seu reino.

Assim, embora não completamente desenvolvida, encontramos no Evangelho de Lucas essa ideia de os discípulos de Jesus serem adotados como filhos do Altíssimo (Pai) por causa de Jesus, bem como a ideia de reproduzirmos o caráter do Pai por meio de Jesus. O Filho aparece tanto como o modelo quanto

¹⁴ As referências a fazer algo em nome de Jesus que aparecem em Lucas estão em 9.48, 49; 10.17; 21.8, 12, 17; 24.47. Ver também que Jesus vem no nome do Senhor: Lc 13.35; 19.38.

¹⁵ “Ninguém pode realmente entender o Pai, nem aquilo que o Pai faz sem ouvir o Filho e a revelação dele”. BOCK, Darrell L. *Luke 1:1-9:50*. Grand Rapids: Baker, 1994, p. 1012. “Aqui Jesus assume o papel de Filho de Deus e reivindica estar em um relacionamento exclusivo com ele e ser o único mediador do conhecimento de Deus aos homens”. MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p. 438. Sousa afirma que o contexto de João 10 é apocalíptico e que a ausência de um ser sobrenatural confirma a identificação de Jesus com Deus. SOUSA, Mathew E. “The ‘Johannine Thunderbolt’ in Luke 10:22: Toward an Appreciation of Luke’s Narrative Sequence”. *Journal of Theological Interpretation* 7 (2013): 97-113.

como o mediador dessa união entre os crentes e o Pai. Jesus também escolhe aqueles que conhecerão o Pai e dá a eles o reino de Deus.

2. JESUS, O ESPÍRITO E OS CRISTÃOS

É amplamente reconhecido que o Espírito Santo tem um papel fundamental no terceiro evangelho. Ele age tanto em Jesus quanto em outras pessoas. É o Espírito que, por exemplo, vem sobre Maria para que ela conceba (Lc 1.35). Nesse texto existe uma referência à glória ou Shekinah de Deus (Êx 40.34-35; Nm 9.15). O mesmo Espírito que pairou sobre as águas na Criação (Gn 1.2) e o mesmo Deus que habitava o tabernáculo agiram juntos para possibilitar a encarnação do Verbo.

Como vimos, o resultado da ação do Espírito Santo e o poder do Altíssimo sobre Maria é o nascimento de uma criança que será chamada de santo e Filho de Deus. Esse texto faz referência ao messianismo davídico e a Jesus como representante da raça humana diante de Deus, um segundo Adão (cf. Lc 3.38).¹⁶ Além dessa referência direta a Davi, esse texto está escrito de uma maneira muito semelhante a 2 Samuel 7.¹⁷ Essa conexão entre Jesus e Davi é fundamental ao longo de Lucas-Atos e é um dos principais aspectos da cristologia lucana.¹⁸ O último versículo do primeiro capítulo conclui com uma afirmação de que Jesus estava crescendo e se fortalecendo no Espírito.¹⁹

O Espírito também é mencionado em relação a Isabel (1.41), Zacarias (1.67) e Simeão (2.25-27). Logo antes do início do ministério público de Jesus, João Batista anuncia que Jesus é aquele que “batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16). Alguns poucos versículos adiante, o próprio Jesus é batizado com o Espírito Santo que desce sobre ele em forma corpórea de uma pomba (Lc 3.21-22) e, em consequência disso, Jesus começa o seu ministério “cheio do Espírito Santo” (4.1). Lucas deixa bastante claro que o ministério de Jesus acontece sob a influência e poder do Espírito Santo (4.14, 18; 10.21).

Em Lucas, existe uma semelhança entre o papel do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus e na vida e ministério dos cristãos. Isso fica claro, primeiro, nas já citadas palavras de João Batista. Mas o próprio Jesus também deixa isso evidente em Lucas 11.13, onde ele assume a responsabilidade de dar

¹⁶ BOCK, *Luke 1:1-9:50*, p. 121ss. Por semelhança, esse texto está conectado com Juízes 13.2-7, que possivelmente coloca essa criança na posição de um libertador semelhante a Sansão.

¹⁷ BROWN, Raymond E. “The Annunciation to Mary, the Visitation, and the Magnificat (Luke 1:26-56)”. *Worship* 62 (1988): 249-259. Sobre a ordem dos eventos apresentados na anunciação, ver: LANDRY, David T. “Narrative Logic in the Annunciation to Mary (Luke 1:26-38)”. *Journal of Biblical Literature* 114 (1995): 65-79.

¹⁸ Outros textos com referências à messianidade davídica de Jesus em Lucas são: 1.27, 32, 69; 2.4, 11; 3.31; 18.38-39; 20.41-44 (maior do que Davi); Atos 1.16; 2.25-36; 13.32-37; 15.15-17.

¹⁹ Considerando a ênfase de Lucas na pessoa do Espírito Santo, penso ser melhor traduzir esse texto como uma referência à terceira pessoa da Trindade.

o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem.²⁰ Assim como Jesus foi capacitado pelo Espírito, os seus discípulos serão capacitados de maneira semelhante em seu falar (12.12), com poder (24.49), visto que o Pai cumprirá a sua promessa de enviar o Espírito Santo. É evidente que isso se torna ainda mais claro em Atos dos Apóstolos, mas independentemente de Atos é possível detectar já no evangelho que Jesus é o modelo para o ministério dos discípulos naquilo que concerne ao Espírito Santo. Portanto, é possível falar sobre uma identificação de Jesus com seus discípulos por meio da obra do Espírito e esse é um aspecto da união com Cristo.

3. JESUS E OS CRISTÃOS: IDENTIFICAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E CRUCIFORMIDADE

À luz de tudo o que vimos até aqui, Lucas 9.22-24 e 14.26-27 podem ser lidos no sentido de identificação com Cristo, participação nele e cruciformidade. O discipulado e a imitação de Cristo, até mesmo ao ponto da cruz, resultam nas bênçãos do reino prometido em Daniel 7. Michael Gorman define cruciformidade como “conformidade ao Cristo crucificado”, o que, em sua interpretação, resume a espiritualidade de Paulo.²¹ David Garland atribui uma ideia semelhante a Lucas 14.5-35: “O discipulado exige um sacrifício inflexível de uma vida cruciforme, a pronta aceitação de um possível martírio, uma devoção obstinada e uma persistência obstinada”.²²

Em Lucas, Jesus convida os discípulos para se ajuntarem a ele (11.23) e a que se deixem perseguir pelo nome de Jesus (21.12, 17). Ele garante que lhes dará boca e sabedoria para dar testemunho (21.15). Neste último texto em particular, acontece algo explicitamente sobrenatural. Os discípulos, mesmo sem estar presentes com Cristo, receberão sabedoria e habilidades de falar para dar testemunho e pregar o evangelho mesmo em um contexto de perseguição. Esse contexto de perseguição e sofrimento conecta esses textos com Lucas 9.23-27 e 14.26-27. Juntos, esses textos ensinam sobre uma identificação sobrenatural com o Cristo crucificado tanto em obras quanto em sofrimento, mais um aspecto da nossa união com Cristo.

²⁰ Ver mais detalhes sobre esse texto em TUPPURAINEN, Riku Pekka. “The Contribution of Socio-Rhetorical Criticism to Spirit-Sensitive Hermeneutics: A Contextual Example – Luke 11:13”. *Journal of Biblical and Pneumatological Research* 4 (2012): 38-66.

²¹ GORMAN, Michael J. *Cruciformity: Paul's Narrative Spirituality of the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, p. 4-5.

²² GARLAND, David E. *Luke*. Grand Rapids: Zondervan, 2011. “Carregar a cruz é em vez disso uma expressão da ideia básica de colocar-se de lado a fim de dar lugar a Jesus. [...] Talvez uma afinidade com o dito dos sinóticos sobre carregar a cruz possa ser encontrada na ideia paulina de co-crucificação com Cristo... [...] Assim, carregar a cruz significa uma prontidão de *oferecer* toda a vida a Jesus, tanto na expressão lucana quanto na paulina”. BØE, Sverre. *Cross-Bearing in Luke*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 225-226.

4. METÁFORAS DA UNIÃO COM CRISTO

A metáfora de festa de casamento ou do casamento em si é uma imagem muito comum no Antigo Testamento para se referir ao relacionamento de Deus com Israel (Is 54.5-6; 61.10; 62.5; Jr 2.2; 16,9; Ez 16; Os 2.14-23, entre outros). Mateus 25.1; Efésios 5.31-32 e Apocalipse 21.2 usam essa metáfora para se referir à união entre Cristo e a Igreja. Lucas 5.34-35, embora não comporte exatamente o mesmo sentido espiritual que essas outras passagens, emprega a figura com um sentido puramente metafórico e com um tempero messiânico.²³

Jesus afirma que ele é o noivo e seus discípulos são os convidados para a festa de casamento. Por essa razão, não era apropriado jejuar, pois o noivo ainda estava presente, embora não para sempre. Essa figura “faz uma alusão ao relacionamento íntimo que os discípulos tinham com ele”.²⁴ A metáfora nesse contexto fala sobre a união de Jesus, o noivo, com os discípulos, os amigos do noivo, embora a união referida nessa metáfora seja mais física do que espiritual. Jesus fala até mesmo sobre um dia quando o noivo seria tomado deles.

Assim, é possível afirmar que essa metáfora se refere à união dos discípulos com Cristo durante o ministério terreno de Jesus, sem referência à união espiritual de Jesus Cristo com sua igreja. Por outro lado, é fácil de ver como esse mesmo dito pode ser explicado e desenvolvido no sentido de que Jesus é o noivo escatológico que se faria um com seus discípulos após a ressurreição.

Outra metáfora usada por Jesus também tem conotações familiares. Jesus proferiu essa metáfora a partir de um evento que aconteceu envolvendo a sua própria família. A mãe e os irmãos de Jesus vieram vê-lo (Lc 8.19). Quando alguém anunciou que seus parentes estavam ali para vê-lo, Jesus diminuiu a importância das relações de sangue e disse: “Μήτηρ μου καὶ ἀδελφοί μου οὗτοι εἰσιν οἱ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ ἀκούοντες καὶ ποιῶντες” (minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam – Lc 8.21).²⁵ Ouvir e praticar a palavra de Deus são apresentados como pré-requisitos para usufruir um relacionamento especial com Jesus, uma união semelhante à familiar. Bock nota que embora ele não use o termo tecnicamente, o aspecto da união com Cristo em evidência aqui é o da identificação.²⁶ Aqueles que ouvem e praticam

²³ MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 225.

²⁴ BOCK, *Luke 1:1-9:50*, p. 517.

²⁵ “Ele afirma que o parentesco no povo de Deus não é mais baseado em descendência física, mas em ouvir e praticar a palavra de Deus (cf. 3:8)”. GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, p. 330.

²⁶ “Aqueles com quem Jesus mais se identifica são aqueles que respondem à Palavra”. BOCK, *Luke 1:1-9:50*, p. 751. Campbell afirma que esse aspecto da união com Cristo é constitutivo da identidade dos cristãos, pois eles são colocados no domínio do seu governo como o Segundo Adão. CAMPBELL, Constantine R. *Paul and Union with Christ: An Exegetical and Theological Study*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p. 408.

a palavra de Deus se identificarão com Cristo como se fossem parentes dele. Os laços da família cristã são aqueles que emanam da Palavra.

Vimos, portanto, duas metáforas em Lucas que se relacionam com a união com Cristo. A primeira é a do casamento e se refere à presença física de Jesus com seus discípulos antes de sua morte e partida. Ela está relacionada com a doutrina da união com Cristo como uma ideia antecedente. A segunda metáfora aponta para o aspecto de identificação da união com Cristo quando ele afirma que sua mãe e seus irmãos são aqueles que ouvem e praticam a Palavra de Deus.

5. JESUS COMO O PÃO

Em João, lemos diversas vezes Jesus afirmando ser o pão da vida (João 6.35, 41, 48, 51). Defendo aqui que Lucas apresenta a mesma mensagem, embora de uma maneira mais sutil. É possível captar esse sentido no transcórre da narrativa. Comida é um dos temas mais importantes de Lucas-Atos.²⁷ Existem mais de 50 referências a alimento somente no evangelho.²⁸ Jesus e seus discípulos aparecem diversas vezes comendo (4.39; 5.29-30, 33; 6.1-2; 7.34, 36; 10.7, 40; 11.37; 14.1; 22.14; 24.30, 41-43). Jesus ensinou diversas vezes que as pessoas não deveriam ter que passar fome e que aqueles que temem a Deus devem prover alimento para os que não têm (3.11; 4.25; 6.21; 8.55; 9.10-17). Outra imagem fundamental em Lucas é a do baquete escatológico (12.35-38; 13.29-30; 14.12-24; 15.2; 22.18).

Para nós, a imagem mais importante envolvendo alimento aqui é a de Jesus como comida – comida em geral ou pão de forma mais específica.²⁹ O próprio Jesus disse aos seus discípulos na Santa Ceia: Τοῦτό ἐστιν τὸ σῶμά μου τὸ ὑπὲρ ὑμῶν διδόμενον· τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν e também Τοῦτο τὸ ποτήριον ἡ καινὴ διαθήκη ἐν τῷ αἵματί μου τὸ ὑπὲρ ὑμῶν ἐκχυννόμενον (22.19-20). Visto que esse texto faz uma clara alusão a Jesus como o pão, dita pelo próprio Jesus, Podemos olhar para trás, para o nascimento de Jesus, e concluir também que “Jesus na manjedoura significa alimento para o mundo” (2.7, 12, 16).³⁰

²⁷ “Comida é um dos temas mais enfatizados no evangelho de Lucas”. ROSSING, Barbara R. “Why Luke’s Gospel?: Daily Bread and “Recognition” of Christ in Food-Sharing”. *Currents in Theology and Mission* 37 (2010): 225-29, p. 225. “Em nenhum outro lugar o relacionamento entre Jesus e o alimento foi explorado de maneira tão completa quanto no evangelho de Lucas”. SCHROCK, Jennifer Halteman. “I Am Among You As One Who Serves’: Jesus and Food in Luke’s Gospel”. *Daughters of Sarah* 19 (1993): 20-23, p. 20.

²⁸ KARRIS, Robert J. *Eating Your Way through Luke’s Gospel*. Collegeville: Liturgical Press, 2006, p. 14.

²⁹ Para o significado de Jesus como o pão, ver: DECOCK, Paul B. “The Breaking of Bread in Luke 24”. *Neotestamentica* 36 (2002): 39-56.

³⁰ KARRIS, Robert J. *Luke: Artist and Theologian Luke’s Passion Account As Literature*. Eugene: Wipf & Stock, 2009, p. 49.

O resultado é que o enredo de Lucas apresenta outra metáfora que aponta para a união dos cristãos com Jesus. A união de Jesus com os cristãos é como a sua união com comida: Jesus é a nutrição espiritual para a vida deles. Em última instância, Deus é aquele que provê a comida (1.53; 11.3) e, dessa forma, Jesus é a comida espiritual provida por Deus.

CONCLUSÃO

O presente artigo procurou demonstrar de maneira introdutória que é possível encontrar a doutrina da união com Cristo no Evangelho de Lucas. Essa união com Cristo por vezes é natural e outras vezes é mística. No primeiro aspecto, o terceiro evangelho fala sobre uma união espacial com Jesus no sentido de que as multidões foram atraídas a ele durante o seu ministério e apresenta uma união espacial e emocional entre os discípulos e Jesus.³¹ Nesse sentido, os discípulos são apresentados metaforicamente como os amigos do noivo.

No entanto, a afirmação central deste artigo é que o Evangelho de Lucas também ensina sobre a doutrina da união mística com Cristo. Dos quatro aspectos da união mística apresentados por Campbell em seu estudo dos escritos paulinos – união, participação, identificação e incorporação –, pelo menos dois aparecem em Lucas.³²

O aspecto da união aparece no fato de que por meio de Jesus o leitor pode se tornar, assim como Jesus, filho do Altíssimo, imitando o caráter de Deus Pai. Além disso, por meio de Jesus o leitor pode receber o Espírito Santo, como o próprio Jesus o recebeu. Os leitores são chamados a imitar Jesus Cristo em sua vitória sobre as tentações, provações, sofrimento e sacrifício, e tomando cada um a sua cruz.

A metáfora de Jesus como o pão dos cristãos aponta para ele como a força necessária para que os leitores vivam uma nova vida. Essa imagem também se encaixa no aspecto de união dessa doutrina. O aspecto de incorporação aparece na metáfora de que aqueles que ouvem e praticam as palavras proferidas por Jesus se tornam a família de Jesus.

Os demais aspectos de participação e identificação, se não claramente apresentados por Lucas no evangelho (embora o sejam em Atos dos Apóstolos),

³¹ Johnson introduz o capítulo 8 de seu comentário dizendo que “Lucas agora começa a mostrar ao leitor como o povo restaurado de Deus é formado em torno do profeta”. JOHNSON, Luke Timothy. *The Gospel of Luke*. Collegetown, Minn.: Liturgical Press, 1991, p. 133.

³² “Em vez disso, eu proponho que esse tema é mais bem transmitido por meio de quatro termos: união, participação, identificação e incorporação. *União* agrupa os conceitos de união com Cristo pela fé, habitação mútua e noções trinitárias e nupciais. *Participação* transmite a ideia de tomar parte nos eventos da narrativa de Cristo. *Identificação* se refere à localização do cristão no reino de Cristo e sua lealdade ao seu senhorio. *Incorporação* encerra as dimensões corporativas de membresia no corpo de Cristo”. CAMPBELL, *Paul and Union with Christ*, p. 413.

estão embrionariamente presentes na vocação ao discipulado de cada um tomar a sua cruz e no fato de que os seguidores de Jesus podem agir em nome dele.

Assim, ainda que o evangelho não apresente uma versão avançada da união mística, é possível afirmar que ele apresenta tal doutrina de maneira clara e decidida. Certamente estudos posteriores poderão confirmar ainda mais esses achados tanto em Lucas quanto no demais sinóticos e ainda mais em Atos dos Apóstolos.

ABSTRACT

This article contends that some aspects of the doctrine of the mystical union of Christ with the believers are found in the gospel of Luke. There is an identification between Jesus and his followers as children of the Most High. Besides that, Jesus applies to them many features of his relationship with the Father. The readers of the gospel are challenged to imitate Jesus's ministry in the same power of Jesus, i.e., the Holy Spirit. Also, in the Lord's Supper and in the manger, Jesus Christ is presented as the bread which the disciples must eat in order to have spiritual life.³³

KEYWORDS

Synoptic gospels; Mystical union; Theosis; Cruciformity; Identification; Participation; Metaphors; Bread.

³³ There is an English version of this article in: yvaga.com.br/union.